



Breno Mello e Marpesa Dawn em Orfeu do Carnaval (canal 4, 21h10m)

Os filmes de hoje

“ORFEU DO CARNAVAL” EM HOMENAGEM A VINICIUS

Hugo Gomez

E NQUANTO trabalhava na Embaixada brasileira em Paris, Vinicius de Moraes escreveu uma peça baseada no mito de Orfeu, a qual adaptou para o cenário carioca e batizou de Orfeu da Conceição. Premiada no concurso de teatro promovido por ocasião do 4º Centenário de São Paulo, foi levada à cena no Teatro Municipal do Rio em 1956 com cenários de Oscar Niemeyer e músicas de Antônio Carlos Jobim. Três anos mais tarde, transformada em filme, sob a direção de Marcel Camus, Orphée Noir obteve estrondoso sucesso de crítica e público em Cannes, arrebatando o Palmars num ano em que concorriam Nazarin, de Buñuel, Os Incompreendidos, de Truffaut, e Hiroxima, Mon Amour, de Resnais. Por exigência do produtor Sacha Gordine, o score original — que incluía a belíssima Se Todos Fossem Iguais a Você — foi abandonado, restando apenas O Nosso Amor e Felicidade, esta numa interpretação magnífica de Agostinho dos Santos. Novas canções foram acrescentadas, como Manhã de Carnaval, de Luis Bonfá (que já nasceu clássica) e Samba do Orfeu, do mesmo compositor com letra de Antônio Maria. Fotografadas pelo câmeraman de Mon Oncle, de Tatti, as belezas naturais do Rio nunca foram tão bem captadas, ganhando um cromatismo primoroso através das lentes de Jean Bourgoïn, e foi sem dúvida o exotismo das paisagens, a qualidade das composições e o fascínio de um tema milenar que deram ao agora batizado de Orfeu do Carnaval o Oscar de melhor filme estrangeiro de 1959. Um programa por todos os motivos recomendável, como tributo à poesia e sensibilidade de Vinicius e à capacidade criadora de dois dos nossos melhores compositores, hoje consagrados mundialmente. E last, but not the least, recomenda-se aos insones que vejam ou revejam O Estrangulador de Rillington Place, com Richard Attenborough numa interpretação impecável, toda em semitons, digna de uma premiação.

SISSI

TV Bandeirantes — 15h

(Sissi) — Produção austríaca de 1956, dirigida por Ernst Marischka. Elenco: Romy Schneider, Magda Schneider, Karlheinz Boehm, Uta Franz, Josef Meinrad, Vilma Degischer, Gustav Knuth. Colorido.

★★ Contrariando os desejos de sua mãe, o herdeiro do trono austro-húngaro, Francisco José (Boehm) — o lançador das valsas de Strauss na Corte — decide se casar com a eleita de seu coração, Sissi (Schneider), que a imperatriz não considera à altura de tão graves responsabilidades.

SHERLOCK HOLMES

EM NOVA IORQUE

TV Globo — 15h30m

(Sherlock Holmes in New York) — Produção norte-americana de 1976, dirigida por Boris Sagal. Elenco: Roger Moore, Patrick Macnee, Charlotte Rampling, John Huston, Gig Young, Signe Hasso, Jackie Coogan. Colorido.

★★ Ameaçada pelo professor Moriarty (Huston), famosa estrela de teatro e antigo amor de Sherlock Holmes (Moore) recorre ao detetive, que não hesita em atravessar o Atlântico para salvar sua ex-namorada (Rampling). Feito para a TV.

A MOSCA

DE CABEÇA BRANCA

TV Bandeirantes — 21h

(The Fly) — Produção norte-americana de 1958, dirigida por Kurt Neumann. Elenco: Vincent Price, Al Hedison, Patricia Owens, Herbert Marshall, Kathleen Freeman, Charles Herbert, Harry Carter, Charles Tannen. Colorido.

★★ Cientista canadense (Price) se fecha numa enorme campânula para experimentar uma teoria de sua autoria, pela qual, mediante um engenho especial, será capaz de desintegrar seu corpo e fazê-lo se reintegrar em outra parte. Mas uma mosca, que penetrara despercebida na redoma, altera tragicamente seus planos.

MACHO CALLAHAN

TV Studios — 21h

(Macho Callahan) — Produção norte-americana de 1970, dirigida por Bernard Kowalski. Elenco: David Janssen, Jean Seberg, Lee J. Cobb, David Carradine. Colorido.

★★ Ao cair prisioneiro de um bandoleiro (Janssen), viúva (Seberg) de oficial confederado (Carradine) se deixa seduzir por seus argumentos e, esquecendo-se de que oferecera recompensa por sua cabeça, passa a viver como uma fora-da-lei.

ORFEU DO CARNAVAL

TV Globo — 21h10m

(Orphée Noir) — Produção franco-italo-brasileira de 1959, dirigida por Marcel Camus. Elenco: Marpesa Dawn, Breno Mello, Lourdes de Oliveira, Léa Garcia, Ademar Ferreira da Silva. Colorido.

Orfeu (Mello), noivo da porta-bandeira (Oliveira) de escola de samba do Morro da Babilônia se apaixona por Euridice (Dawn), que chega à favela, vinda do interior, para visitar uma prima (Garcia) e fugir de um estranho, fantasiado de Morte (Ferreira), que a persegue. Sem o saber, sua chegada desencadeará ciúmes de conseqüências trágicas. Baseado na peça Orfeu da Conceição, de Vinicius de Moraes. Músicas de Antônio Carlos Jobim e Luis Bonfá. Palma de Ouro no Festival de Cannes de 1959 e Oscar de melhor filme estrangeiro. Inédito.

GENTIL TIRANO

TV Bandeirantes — 0h05m

(Billy, the Kid) — Produção norte-americana de 1941, dirigida por David Miller. Elenco: Robert Taylor, Brian Donlevy, Ian Hunter, Mary Howard, Gene Lockhart, Henry O'Neill, Frank Puglia, Lon Chaney Jr. Colorido.

★★ Cansado de uma vida de crimes, iniciada muito cedo, Billy the Kid (Taylor) procura viver honestamente. Quando um amigo (Hunter) é assassinado friamente, resolve vingá-lo. Em suas andanças à procura do criminoso, depara com antigo companheiro (Donlevy), agora um homem da lei, que está disposto a liquidá-lo.

O ESPETÁCULO

NÃO PODE PARAR

TV Globo — 0h35m

(Fast Friends) — Produção norte-americana de 1978, dirigida por Steven H. Stern. Elenco: Susan Heldfond, Carrie Snodgrass, Dick Shawn, Mackenzie Phillips, Michael Parks, Jed Allan. Colorido.

★★ Separada do marido (Allan), jovem de 25 anos (Heldfond) emprega-se como assistente da diretora (Snodgrass) de programa de astro (Shawn) da televisão, fazendo novas amizades e se inteirando do que ocorre nos bastidores de uma grande emissora. Feito para a TV.

O ESTRANGULADOR

DE RILLINGTON PLACE

TV Globo — 2h35m

(10 Rillington Place) — Produção britânica de 1970, dirigida por Richard Fleisher. Elenco: Richard Attenborough, Judy Geeson, John Hurt, Pat Heywood, Isabel Black, Phyllis MacMahon, Geoffrey Chatter. Colorido.

★★★★ Depois de assassinar uma mulher (Geeson) e seu filho, psicótico (Attenborough) convence o marido (Hurt), desnorreado pela dupla perda, a se entregar à polícia, assumindo a responsabilidade pelos crimes. Enquanto este é julgado e depois executado, o verdadeiro assassino permanece solto, mas não por muito tempo.



NELSON MOTTA

● **Acoplado** aos curta "Maysa" (de Jayme Matarazzo, filho dela) e "Vinicius de Moraes" (de David Neves), o cantor e compositor Wauke faz som ao vivo com sua banda Roda Sonora no teatro de bolso Luis Mesquita, de hoje até o dia 8, com regime de boca livre, ou melhor, ouvido livre. O toque beleza é que Wauke incorporou um quarteto de cordas a essa apresentação e antecipa a revelação da instrumentista Denise Sol, que toca violino.

● **Triliiiiiiiiim.** Alô. Aqui é o Sérgio Cabral. Você sabe, não sou mais crítico: só jornalista e compositor e produtor e escritor e diretor e animador e ... o show do Baden — modéstia à parte, está lindo — o show vai mudar de horário: é agora às nove e meia. Isso é para você ter alguma coisa para falar no jornal. Enquanto não souberem quem matou Miguel Fragonard não há quem vá para o teatro antes das nove. Vai lá, beijos. Clang.



Diante da enxurrada de "músicas de mulheres" (conhecida no Baixo Leblon como "da mulher para a mulher"), não deixa de ser surpreendente que uma nova cantora — Vilma Nascimento — se lance com uma música que diz "e para mim que estou sendo conquistado / sinceramente me sinto muito emocionado..." E o chefe de seu primeiro Lp, cantada no masculino mesmo: "Conquistado". O seu disco é dedicado a Luis Melodia, de quem Vilma é hiperfã, logo ela, prima de sangue mineiro de Milton Nascimento, que fez para ela, especialmente, "De panelas e caneladas", em parceria com Fernando Brandt. Desde a mais tenra, Vilma era chagada a programas de calouros em sua nativa Juiz de Fora. Com as irmãs, ganhou todos os prêmios do sem-âs, ganhou velo para o Rio, sempre cantando, participou do grupo Opinião (com João do Vale e Paulo Guimarães) com o show "Se eu tivesse meu mundo". Depois, várias participações especiais em shows de Luis Melodia e Gilberto Gil (o memorável "Refavela", Vilma nos *backing vocals* com Lucinha Turnbull, um luxo;) e agora o Lp. Antes, porém, farta preta-gora o Lp. Antes, porém, farta presença nas rádios através de "Big Black Mania", da jovem Luciana de Moraes, filha do poeta Vinicius e roqueira feroz. Também presentes nesse seu primeiro trabalho uma glória se seu primeiro trabalho uma glória de Juiz de Fora como Suely Costa ("Nancy porta-bandeira"), o magnífico Tureko (com a canção-título) e Gilberto Gil, "Lamento africano".

Vinicius

PLATÉIA —

Por SOMEL DO VALE

... DE TELEVISÃO

● Na Globo, a partir das nove e quinze da noite, mais uma homenagem a Vinicius de Moraes, o "Poetinha", que a Música Popular Brasileira perdeu recentemente. Será exibido o filme "Orfeu do Carnaval", baseado na peça "Orfeu da Conceição", escrita por Vinicius em 1953, em parceria com Antonio Maria, mesmo ano em que ele compôs seu primeiro samba, "Quando Tu Passas Por Mim". Os cenários da peça foram idealizados por Oscar Niemeyer, que viria a ser o responsável pela arquitetura de Brasília alguns anos depois. A trilha sonora ficou a cargo de um, na época, quase desconhecido pianista carioca, Tom Jobim, que, em parceria com Vinicius compôs, entre outras, "Se Todos Fossem Iguais a Você", "Lamento de Morro", "Um Nome de Mulher" e "Eu e Meu Amor". Co-produzido pelo Brasil e França, o filme ganhou o "Oscar" de Melhor Filme Estrangeiro de 59 e a "Palma de Ouro" no Festival de Cannes do mesmo ano. E, sem dúvida alguma, o melhor programa de hoje na televisão e ninguém deve deixar de assisti-lo.

● Zezé Motta está voltando à atividade que a tornou conhecida em todo o mundo, a de atriz. O mundo inteiro a reconhece como atriz de cinema pelo seu trabalho em "Xica da Silva", mas para quem não sabe, ela também já fez televisão. Foi num especial, "O Tesouro de Xica da Silva", adaptado para a televisão por Antonio Callado e que a Globo exibiu como "Caso Especial", em setenta e nove. Agora Zezé acabou de gravar "A Venerável Azul Turquesa", episódio escrito por Doç Comparato para o "Plantão de Polícia" e que foi dirigido por Luiz Antonio Piá. As gravações já encerradas, tiveram "externas" na Praça Mauá, "Boite Cowboy" e na Central do Brasil, e, além dela e dos atores fixos da série, estão no elenco Joel Barcellos, Florival Sérgio dos Santos, Carlos Alberto Baia, Zeny Pereira, Waldir Onofre, Tonico Pereira, Ivan de Almeida, Pedro Luís e Carmem Costa, que canta a música "Morena". O episódio ainda não tem data prevista para exibição.

● Continuam até o próximo dia seis as gravações que estão sendo realizadas em São Paulo, para "Carrossel de Ilusões" (título provisório), próxima novela das sete que está sendo escrita por Cassiano Gabus Mendes e dirigida por Gonzaga Blotta. No final da última semana mais de vinte atores do elenco da novela foram para a capital paulista, onde esta semana gravaram no "Shopping Center Iguatemi". Além destas gravações, foram feitas outras em dois hospitais, das Clínicas e Albert Einstein, tendo participado da primeira Elizabeth Savalla, Cláudio Marzo, José Lewgoy, Sílvia Salgado e Neuzamaral e, da segunda, Cláudio Marzo e Sílvia Salgado. Foi gravada também uma cena com Elizabeth Savalla num helicóptero.

● Esta semana comentei com vocês que Benedito Ruy Barbosa poderia vir a renovar nos próximos dias seu contrato com a Bandeirantes, que o queria em seu elenco de autores. Pois bem... Esta renovação já aconteceu. No final da tarde de terça-feira ele acertou as bases de seu novo contrato com a emissora, onde continuará por mais algum tempo. Sem dúvida alguma foi um excelente negócio para a Bandeirantes, pois Benedito Ruy Barbosa é um dos melhores autores de nossa televisão, o que aliás ficou mais que provado com "Cabocla" e "Pé-de-Vento".



● Outra excelente contratação para o elenco de autores da Bandeirantes foi a de Lauro César Muniz que, depois de "Os Gigantes", estava decidido a se afastar da televisão. Para mim ele é um dos autores mais sérios da TV e, para que ele mostre isso, é só lhe darem liberdade, o que, na Globo, segundo ele, não lhe deram, pois seu texto foi por demais censurado e modificado.

... VARIADAS

● Inspirado num conto de Caetano Gherardi adaptado pelo autor e porbral na última terça-feira, e muitos Cama" ou "O Pacote Que Não se Abriu", agora está em cartaz no Teatro Rival, de terça a domingo, às nove da noite e, aos domingos, às seis da tarde. A peça que, além de José Vasconcelos (foto), tem no elenco Terezinha Elisa, é a história de uma tentativa... Um jogador de um time de interior é convocado para jogar na Seleção Brasileira e depois disso começa a ter problemas de "bloqueio" para com Rosa, com quem antes vivia às mil maravilhas. Um dia "Pipiu" resolveu fugir da concentração para fazer uma tentativa e é flagrado pelo técnico da seleção na hora "agá". É sem dúvida alguma um dos melhores shows que José Vasconcelos já apresentou em seus trinta e sete anos de carreira e, uma curiosidade, o primeiro em que ele fala palavrões abertamente.

● Com doze anos de carreira como compositor, ele já gravou com Jair Rodrigues, Ronnie Von, Paulo Sérgio, falecido vítima de um derrame cerebral na última terça-feira, e muitos outros. Depois disso, ele foi convidado a administrar a gravadora Polydor, como diretor de cantores, entre os quais, Evaldo Braga e Marcos Pitter, lançados por ele, que também foi produtor de discos de Egberto Gismonti e "MPB-4". Está falando de Eustáquio Senna, que está preparando seu próximo LP, "Cauromi", para o qual está se dedicando desde o ano passado e que a CBS lançará até dezembro. A capa e a contracapa do disco já foram criadas e se constituem numa mensagem visual de advertência ecológica. Na capa estão borboletas, riachos, plantas, montanhas, flores, cores e um homem. Na contracapa este mesmo homem é apresentado num ambiente de total destruição, refletindo a falta de cuidado do ser humano para com as coisas da natureza.



Baden Powell demonstra em seu recital a qualidade de um instrumentista reconhecido no exterior, onde tem mais de 50 discos gravados

O "NOSSO BADEN" EM BOA FORMA

E gênio. Depois de nove anos sem fazer **show** no Brasil, interrompido apenas para um apoteótico espetáculo em São Paulo, em agosto do ano passado, o maravilhoso violonista Baden Powell está de volta ao Rio apresentando-se até o dia 17 deste mês no Teatro Clara Nunes. Dirigido com habilidade por Sérgio Cabral e cercado por músicos da maior categoria, o **show** do instrumentista é, no momento, um dos melhores programas musicais da cidade.

Em mais de duas horas de espetáculo, interrompido apenas para um rápido intervalo, e com direito a três bis no final, pois o público que lotava o teatro na quarta-feira insistia em sua volta ao palco, aplaudindo-o de pé, o violonista desfilia o seu numeroso repertório calçado, principalmente, em suas parcerias com **Vinicius de Moraes**, que recebe, na segunda metade do **show**, comovida homenagem do seu parceiro.

Conhecido como uma pessoa excêntrica, arredia aos contatos com a imprensa, é impressionante constatar o seu bom humor com a plateia e a perfeita integração com seus músicos. De tempos em tempos, Baden vira-se para eles, sorri, todos atentos ao vigor do seu violão. No começo, luz em cima do banquinho preto (a iluminação de Hugo está à altura do espetáculo), entra o artista todo vestido de branco, pronto para as palmas que o saudam antes mesmo de começar a tocar. Os seus músicos, com destaque para o menino do baixo, Saulo Bezerra de Melo, Hélio Schiavo (bateria), percussão de Ovidio Moreira Brito e Alfredo Bessa, também

já estão a postos e todos juntos iniciam com **Canto de Ossanha**, onde Baden canta um pouco, o que não é seu forte. Ainda com o conjunto, mostra **Samba Novo, Valsa nº 1**, em ritmo ligeiro até ficar sozinho para outras quatro composições, durante as quais reina absoluto, solto em cima das cordas do seu violão, reproduzindo mágicos sons.

Em **Cego Aderaldo, Jesus Alegria dos Homens, Lenda do Abaeté** e em **Asa Branca** sente-se toda a genialidade do instrumentista. No número final desta primeira parte, é **Berimbau**, apresentado quase num tom teatral.

Depois do intervalo voltam todos para uma segunda parte mais emotiva. E quando Vinicius é mais lembrado, até mesmo por falas de Baden que chega a afirmar que o seu parceiro "era mais do que um pai para mim". E realmente a parceria com o poeta é considerada pelo artista como uma das mais importantes em sua carreira, gerando composições como **Canto de Ossanha, Formosa, Apelo, Samba em Prelúdio**, todas incluídas neste recital. A homenagem de Baden ao seu parceiro tem ainda a voz, em **off**, de Vinicius, recitando **O Poeta e a Lua**, enquanto o violonista sola a **Serenata do Adeus**. Ficou bonito, sem cair no pieguismo. Em seguida, toca e canta **Apelo** até chegar à maravilha que é o **Samba em Prelúdio**, onde mais uma vez ele lamenta a ausência do parceiro pedindo: "Volta Vinicius". Mas antes, inteiramente à vontade, apesar de todo o clima emocional criado pelas lembranças do poeta, ele volta a citá-lo lembrando que estava em Paris, em 1965 e, resolveu, para matar as saudades do Brasil, fazer, junto com seu também parceiro Lula Freire, uma composição dedicada a Vinicius. O re-

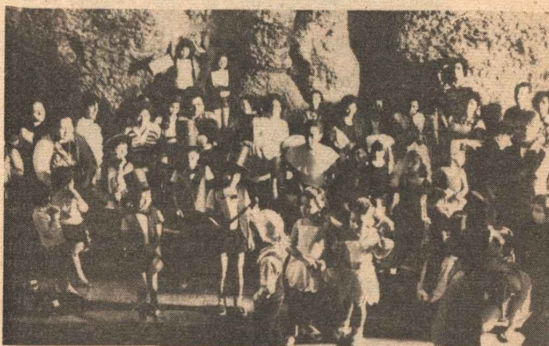
sultado foi **Feitinha pro Poeta**, cantada alegremente por Baden. Depois, seguem-se **Se Todos Fossem Iguais a Você, Tempo Feliz, Consolação**, até o final com **Samba da Bênção**, onde aproveita para pedir a bênção e saravá para os músicos e compositores de sua preferência como Paulinho da Viola, Francis Hime, Paulo César Pinheiro, Dory Caymmi, Lula Freire, Chico Buarque e Milton Nascimento, até o pedido de bênção final para Vinicius, logicamente. Mas sem esquecer os nomes antigos como Paulo da Portela.

Ao final, faz questão de apresentar os seus músicos dizendo que o baixo "é um excelente músico, da pesada", o baterista Helinho, "companheiro velho de guerra", até a percussão, afirmando que, em Paris, Alfredo é conhecido por **monsieur** Alfredo. Tudo bem alegre, para um espetáculo que já pode ser considerado como um dos melhores deste ano. Ainda bem dentro do clima alegre, Baden dirige-se ao público declarando que, "aqueles que gostaram, espalhem e os que não gostaram, voltem até acostumar". Palmas finais, mas o público, inconformado, pede mais e ele retorna tocando o chorinho **Um a Zero**, seguido de **Formosa** (cantado) até uma mistura de fanfarras, pois tira quase todos os sons de uma orquestra nas rápidas batidas do seu violão. É realmente um grande músico e é bom aproveitar porque daqui a pouco Baden pode cismar e voltar para Paris, Alemanha, Japão, Itália ou Finlândia onde seu público é também fiel e numeroso. Só para dar uma amostra, ele tem mais de 50 discos gravados no exterior e aqui no Brasil está indo para o seu 16º. Que o **Nosso Baden**, título deste **show**, continue sempre ativo.

ULTIMA HORA

02 / 08 / 80

Crianças cantam Vinicius



As 200 crianças participantes da colônia de férias do Departamento de Parques e Jardins da Prefeitura, encerrada ontem no campo de Santana, prestaram homenagem ao poeta e compositor Vinicius de Moraes, cantando em coro **Garota de Ipanema** e **Tarde em Itapoã**. A festa de encerramento (foto) teve de ser realizada na gruta do Campo, por causa do mau tempo. Hoje, termina a colônia de férias da LBA, com uma grande festa no Maracanãzinho, reunindo todas as 3.500 crianças que dela participaram, além da presença dos jogadores Zico (Flamengo), Roberto (Vasco), Garrincha e Vavá.

ULTIMA HORA

02 / 08 / 80



Vinicius

Comentário

Orfeu, uma viagem

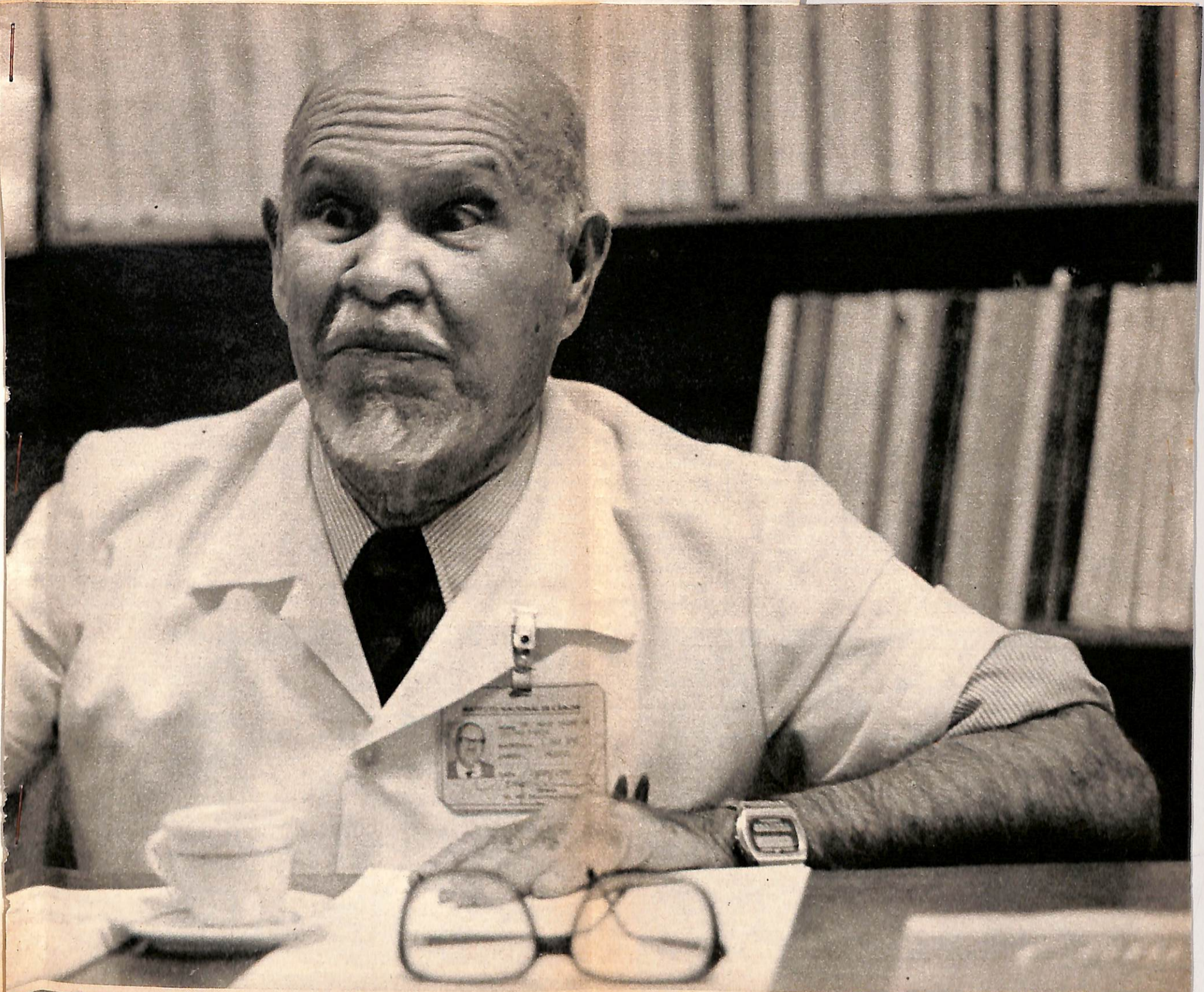
UMA televisão viva, flexível, ligada à cultura do país, age exatamente como a Globo, que colocou no horário da Sexta Super não um espetáculo rotineiro e sim um filme que foi um marco histórico na nossa música popular, o Orfeu do Carnaval. Pena que gestos como este sejam tão esporádicos. Pena que não haja ninguém por lá atento e disposto a filmar por inteiro um bom musical de nossos teatros ou mesmo a exibir, de vez em quando, um filme musical brasileiro de grande valor como este. Mas está melhorando. Já existem os shows dirigidos por Daniel Filho e qualquer dia desses (qualquer ano desses) até a maravilha de um show como o que Baden Powell está fazendo no momento poderá estourar de uma hora para outra na Sexta Super.

Orfeu foi, na mitologia grega, o primeiro mortal a unir a música e a poesia. Quando ele decide ir ao Inferno procurar a alma de Euridice, sua esposa morta na noite de núpcias, compra a passagem com o seu canto, convencendo Caronte, o barqueiro do rio dos mortos a levá-lo. É um personagem lindo, um mito feito sob medida para ser adaptado a um povo poeta e cantor como o carioca. Mas tinha que ser alguém com a coerência de Vinicius de Moraes para descobrir isto. Só o título da peça que ele criou já é uma síntese perfeita entre Grécia e Rio de Janeiro: Orfeu da Conceição. Encenada aqui em 1956 foi um acontecimento, filmada três anos depois tornou a música brasileira famosa no mundo inteiro. Alguns dos seus versos continuam a ser cantados todos os dias mas o certo seria assistir a uma remontagem da peça original para ouvir de novo aqueles versos "Mulata, pele escura, dente branco/Vai teu caminho que eu vou te seguindo/No pensamento e aqui me deixo rente/- Quando voltares pela lua cheia/Para os braços sem fim do teu amigo!/Vai tua vida, pássaro contente/Vai tua vida que estarei contigo!"

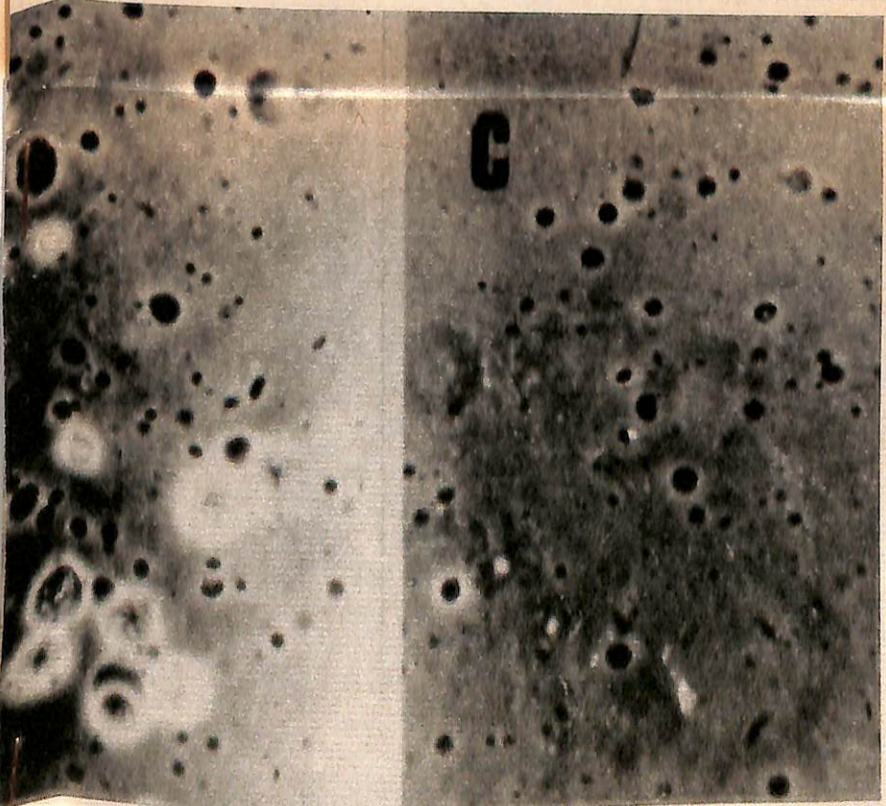
O diretor do filme, Marcel Camus, cortou a maioria das lindas músicas da peça com os versos de Vinicius e melodias de Antônio Carlos Jobim. Mesmo assim o filme representa uma viagem na máquina do tempo.

Norma Pereira Rego

Vinicius



Fotos: Alexandre Cavalcanti



dessa forma que imunizei completamente ratos e camundongos de tumores singênicos, ou seja, tumores produzidos em cobaias e só reproduzidos no mesmo animal da raça pura."

A técnica desenvolvida pelo professor Castro Faria consiste na retirada de células cancerígenas de suas cobaias. Em seguida, essas células são lavadas por centrifugação e postas numa solução fisiológica própria. Depois, colocadas em solução concentrada de glicerina, o que provoca a sua vesiculação.

"As experiências realizadas no INC demonstram estatisticamente a validade do método como preventivo ao crescimento de tumores do tipo Erlich e Yoshida. Verificou-se, também, que, durante as

pesquisas, não se deu qualquer crescimento de tumores nas cobaias, fato extremamente freqüente quando se tenta imunizar animais contra tumores cancerígenos. Enfim, a primeira etapa do processo já está superada, pois as experiências demonstraram ser possível, em cem por cento dos casos, imunizar completamente cobaias contra o câncer. Agora toda a pesquisa — minha e da minha equipe — voltou-se para a possibilidade de fazer regredir tumores ou curar a doença. Mas isso é outra etapa, cujo prognóstico só poderá ser confirmado com o tempo. Creio, no entanto, que nossa luta terminará com a vitória da ciência, antes do fim deste século." ■ Carlos Augusto Teixeira Pinto

EM FOCO

ELIZETH CARDOSO

A Divina chega aos 60

● A comemoração dos 60 anos de Elizeth Cardoso foi interrompida pela notícia da morte de Vinícius de Moraes, cujo primeiro LP foi lançado pela cantora em 1958 — *Canção do Amor Demais*. “Estou angustiada. Nós, artistas, sofremos uma grande perda com o desaparecimento do Vinícius. Ele ainda tinha muito a dar, como compositor e poeta.”

Elizeth garante que, se desaparecesse hoje, morreria feliz porque nada lhe faltou na vida. “Aos 60 anos, só não quero dizer que estou realizada porque a vida é uma sucessão de etapas e há coisas que a gente faz e outras que ficam na vontade.”

Fui uma pessoa que aproveitou muito a vida. Nem todo mundo chega aos 60. Só gostaria de que meus filhos, netos e sobrinhos fossem mais chegados a mim, convivessem mais, tivéssemos uma vida familiar mais intensa.” Em pequena, Elizeth só pensava em dançar e brincar, mas tinha de driblar o pai, seu Jaime, que a arrancava dos bailes e cercava na porta dos clubes. De pouco adiantava, porque foi numa gafeira, aliás muito famosa, a Kananga do Japão, que Elizeth cantou em público pela primeira vez. Aos 12 anos, já tocava violão e cantava em casa, para quem quisesse ouvir e se dispusesse a pagar. Imitava Vicente Celestino. Namorou

Leônidas da Silva, o Diamante Negro, que acabou tendo de escapar de seu Jaime como jamais fugira de uma bola dividida. O sucesso demorou muito a chegar. Na verdade, só veio a partir de 1958, pelo incentivo de jornalistas como Sérgio Porto, Lúcio Rangel, Haroldo Costa, Antônio Maria, Mister Eco e Sílvio Túlio Cardoso. “Para mim, fazer 60 anos é o mesmo que completar 40 ou 50. Não mudou nada. Apesar de ter sido dançarina, cantora de cabaré, ter disputado um lugar na selva do rádio, nunca entrei para a bagunça: mantive sempre a imagem de durona, nunca misturei cama com microfone, e com isso consegui



O sucesso começou a chegar em 1957, pelo incentivo de jornalistas especializados em música popular, e com a ajuda de Jacó do Bandolim.



Em maio de 1973, Elizeth Cardoso apresentou-se com Baden Powell, num show produzido por Bibi Ferreira e Paulo Pontes, no Canecão.



Quando Louis Armstrong, o grande trompetista e jazzman, veio ao Brasil, ouviu Elizeth cantar e gostou muito. Na foto, os dois se encontram numa recepção.



sempre ser respeitada e considerada por todo mundo.”

Três homens foram muito importantes em sua vida: Jacó do Bandolim, que a ouviu numa festinha e a levou para a Rádio Guanabara, onde ela cantou no *Programa Suburbano*. Evaldo Ruy, que a orientou nos macetes da noite e da música; e o advogado Armênio Mesquita, seu empresário até hoje. Por tudo o que conseguiu, porém, Elizeth pagou um preço muito alto:

“Ser Elizeth Cardoso me impede de brincar em público, rir alto, dançar, ir a um baile para me divertir — coisa de que gosto até hoje. Aprendi na noite que uma cantora tem de ter linha, compostura, se impor — caso contrário a vaca vai pro brejo. Mas sempre que posso dou uma de Carminha (amiga e companheira dos anos 40 e, para Elizeth, símbolo de boêmia) e saio por aí. Adoro o Bola Preta porque lá eu posso ser a Carminha: ninguém está preocupado com Elizeth Cardoso.”

A vida corre calma no apartamento de cobertura, um duplex no bairro carioca do Flamengo, onde Elizeth mora em companhia de Lourdes, grande amiga, Maria José, sua filha adotiva, a neta Célia Regina, o papagaio *Felipe* — que aliás é fêmea, mas isso só se descobriu há pouco — e um cachorro chamado *Bocoxé*. A Divina, a Magnífica, a Eterna, a Primeira Dama da MPB, comendadora da Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco, só tem medo de não ter tempo para realizar as coisas que ainda deseja. □

(Francisco Duarte)



Respeitada pelos colegas, a Divina apresentou-se com muitos cantores. Por exemplo, Silvio Caldas, na Boate Oásis, em São Paulo, em 1954.

MANCHETE

2 / 8 | 80 Nº 1476



VINÍCIUS

A vida romântica de um poeta

NÃO nasceu para negócios, mas para o amor e para a vida. No dia 19 de outubro de 1913, na Rua Lopes Quintas, 114, Gávea, o nascimento de Marcus Vinícius da Cruz de Melo Moraes trouxe alegria e preocupação. O pai tinha algum dinheiro, fizera maus negócios na ocasião, com o nascimento do garoto teve de emigrar, procurar vida mais barata. A família deixou a aristocrática Gávea e foi para o Cocotá, na Ilha do Governador, então muito bucólica, sem ponte e sem praias poluídas. Ali, o menino Vinícius tomou contato com a natureza, a vida desinibida e livre dos pescadores e dos pobres. Nunca perderia esse chão de infância.

Mas havia que estudar e na ilha não havia bons colégios. Vinícius é matriculado no Santo Inácio, onde reinicia, gradualmente, seu retorno à Zona Sul, mais precisamente, à Gávea, onde, aos 66 anos, morreria.

No colégio dos jesuítas, a fase espiritualista, católica, conservadora, as influências de suas leituras e, mais tarde ainda, na Faculdade de Direito, a influência de Santiago Dantas e Octavio de Faria. Vinícius não chegou nunca a ser um reacionário mas andou perto. Como acontecia naquele tempo, falsificava-se facilmente a idade para um menino precoce poder cursar a faculdade. Com 16 anos, já acadêmico de Direito, faz a primeira letra, *Loura ou Morena*, música de Haroldo Tapajós, gravada em disco Colúmbia pelos Irmãos Tapajós: Paulo e Haroldo. Ano do evento: 1932. Repetiu a dose com os mesmos parceiros, fazendo foxtrotos que tiveram algum sucesso. Mas não dava para ganhar a vida. Com 19 anos, já formado, sonda o mercado de trabalho e verifica que não dá para advogado. Preferia ficar lendo, num bar, tomando um chopinho, e, sobretudo, vendo passar na calçada as moças cheias de graça. Anos mais tarde, eternizaria esse hábito e essas moças na figura da *Carota de Ipanema*. Sempre influenciado pelo catolicismo, ele publica seu primeiro poema na revista *A Ordem*, fundada por Jackson de Figueiredo. *A Transfiguração da Montanha* foi levada por Octavio de Faria a Alceu Amoroso Lima, que dirigia a revista. Todos pareceram gostar, inclusive o próprio Vinícius, que no ano seguinte estréia em livro: *Caminho Para a Distância*. Seu amigo Octavio de Faria dedica-lhe um ensaio em que estuda a ainda escassa obra de Vinícius ao lado da de outro

estrepante, Augusto Frederico Schmidt. Relembrando essa fase, Vinícius não teve piedade de si mesmo: "Minha poesia inicial tinha de ser esotérica e metafísica. Era muito artificial. Felizmente, minhas curtições de menino criaram em mim um nódo natural de resistência contra os erros da minha formação, que me permitiram, quando mais adulto, optar por uma simplificação de meu instrumento de trabalho, no sentido de comunicar-me mais e melhor."

O segundo livro se enquadra dentro desse período sombrio e tem um título óbvio: *Forma e Exegese* (1935). Apesar de tudo, é um poeta desempregado, até que consegue o seu primeiro emprego sério: o de censor de filmes, de 1936 a 1938, ocupação pouco brilhante e democrática da qual logo procurou se livrar. Arranjou uma bolsa-de-estudo. Aos 24 anos, o primeiro casamento, por procuração. A noiva, Tati, morava em Londres. Foi o início da outra e da mais comprida obra do poeta: o amor.

O casamento durou bastante, foi o mais longo. Vindo do exterior, o casal foi morar no Leblon, numa casinha da Rua General San Martin. Ali se reunia uma turma de amigos, mas a boca-livre era moderada pois o dono da casa continuava sem emprego. Aí apareceu a opção do Itamarati. Naquele tempo não existia o severo vestibular do Instituto Rio Branco. Mesmo assim, havia um concurso e Vinícius passou uns tempos estudando seriamente, só conseguiu passar na segunda tentativa. Deve a sua carreira diplomática à influência de sua mulher Tati e de seus amigos diplomatas Jaime Azevedo Rodrigues e Lauro Escorel. Em 1943 recebe o primeiro posto no exterior: Los Angeles. Serviria na carreira diplomática durante 25 anos, mas nunca levou a sério a função. Mais importante do que tudo foi a viagem que fez pelo interior do Brasil em companhia do polonês Waldo Frank. A intimidade com o Brasil de verdade provocou a virada total em sua vida: na poesia, na ideologia, na maneira de viver e, até, no modo de amar. Libertou-se gradativamente das amarras e entrou de cabeça na vida. Para viver.

Daí em diante, a vida de Vinícius se

confunde com a do tempo em que viveu, nos setores da música popular, do espetáculo, da badalação e até mesmo da política. Duas importantes vertentes se formam na obra viniciano, dividida esquematicamente em dois segmentos básicos: a poesia em termos eruditos ou em letras de canções populares; e o roteiro infinito de suas andanças amorosas, sintetizadas em nove casamentos e diluídas em diversos casos, sobretudo, na imagem do grande amante que, de uma forma ou outra, influenciou homens e mulheres de duas gerações.

SEGUIR

Fotos: MANCHETE



Em 1975, numa noite em Itapuí, Vinícius contou a MANCHETE que gostaria de ter sempre em casa todas as mulheres que amou e que o amaram.

COMO poeta, ele conseguiu ser maravilhosamente fiel às mulheres com as quais se casou e amou enquanto o amor foi amor

A série de casamentos iniciada com Tati prolongou-se, em 1952, com Regina. Seguiram-se: Lila Bôscoli, Lúcia Proença, Nelita Abreu Rocha, Cristina Gurjão, a baiana Gesse, a argentina Martinha e Gilda, a última. Mais do que um rosário de nomes, foi uma vivência de amor que ele esboçara, pela primeira vez em letra de forma, numa edição de MANCHETE, em 1955, na seção intitulada *A Poesia é Necessária*. Ilustrado por Carlos Thiré, aparecia *Receita de Mulher*, com a indicação: "Poema inédito, enviado de Paris especialmente para esta página." O poema tornou-se famoso, principalmente pelo seu citado começo: "As muitas feias que me perdoem/ mas beleza é fundamental." A ruptura de Vinícius com o mundo acertado e frio é total. Pouco a pouco, ele abandona uma série de convenções, a gravata, o paletó, os cabelos corretamente cortados, engorda e emagrece conforme a vida o vai levando, curte corajosamente suas fossas, atola-se no amor ("O que mais gosto é do agarramento"), participa do movimento bossa-nova, onde logo conquista o lugar que ninguém lhe tira: o de melhor letrista. Ao mesmo tempo que muda de mulher, muda de parceiros e ele próprio admite que há alguma analogia na parceria de uma vida e na parceria de uma canção: o mesmo ciúme, o mesmo gostar muito e, finalmente, a exaustão, o não ter mais nada a dizer. Antônio Carlos Jobim, Carlos Lira, Baden Powell, Toquinho — ele influencia diretamente todos os demais letristas e se torna o *Poetinha* das rodas boêmias, o adulto maldito da sociedade bem-comportada.



Sua segunda mulher foi Lila Bôscoli. Vinícius ainda andava em início de carreira, dividindo a arte com a carreira diplomática.

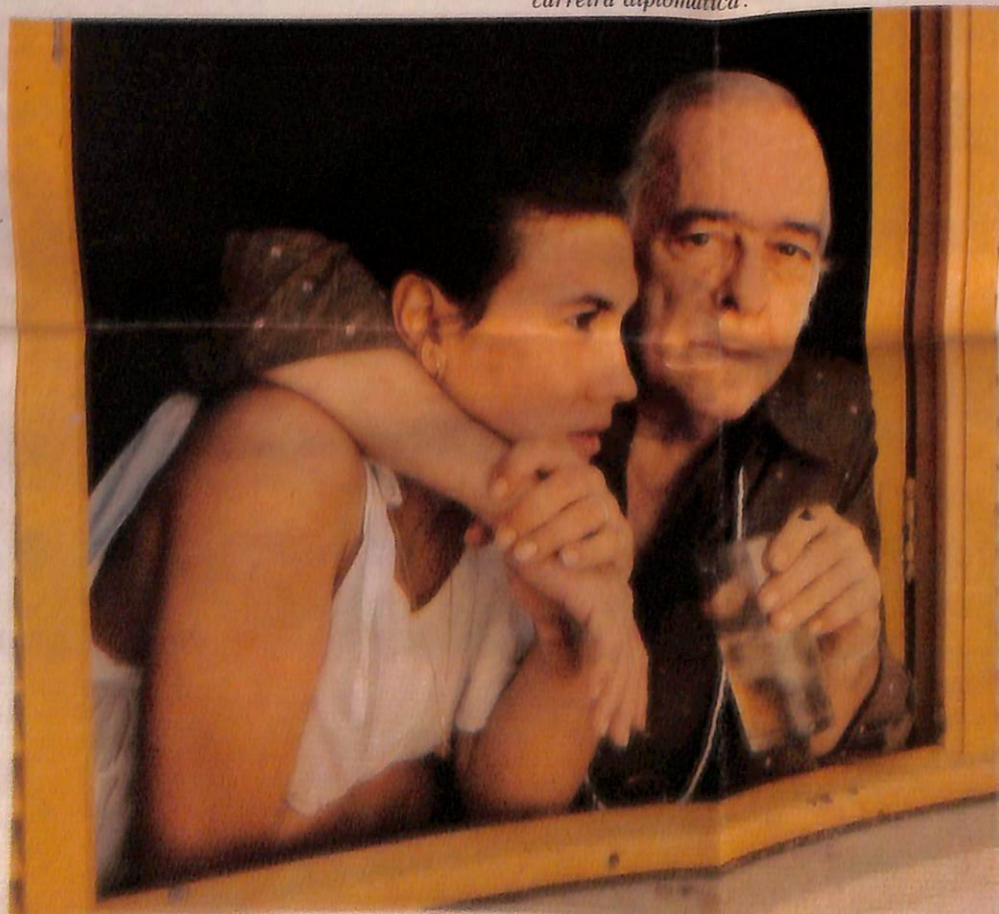


Seu penúltimo casamento foi com a argentina Martita (no alto). Acima, Vinícius com sua filha Suzana, do primeiro casamento.



Em 1968, já famoso internacionalmente através de seu filme *Orfeu do Carnaval* e de algumas letras que percorriam o mundo, Vinícius é aposentado a força de suas funções de diplomata — que, aliás, ele próprio era o primeiro a desprezar. Dá expediente, então, de boêmio, em regime *full time*. Deixa o Rio por uns tempos, considerando a cidade em que nascera muito cruel e agressiva. Vive uns tempos na Bahia, jura que nunca mais sairá de lá, "a Bahia está mais perto da verdade", mas o sonho dura o que duraram suas paixões e ele volta ao mundo e ao Rio. Só conseguiu ser fiel ao grande amor, que para ele não estava numa mulher ou numa situação, mas num clima interior. "Vinícius havia chegado de Paris, em 1956" — conta Cristina Gurjão — "e o Ronaldo Bôscoli me apresenta a ele. Na época, Vinícius estava casado com Lila Bôscoli. Eu tinha 16 anos e fiquei deslumbrada com a possibilidade de freqüentar a casa dele. Acabei me tornando amiga do casal. Mas nada havia entre nós. Depois ele se separou de Lila e se casou com Lucinha Proença. Eu só me casei com ele em 1968. Foi um casamento que durou quase três anos e nesse período tivemos uma filha, Maria, hoje com 10 anos. Vinícius foi um dos seres humanos mais perfeitos que conheci. Foi, inclusive, um bom pai. Todas as vezes que vinha ao Rio encontrava tempo de se dedicar a Maria. A influência dele está se refletindo agora em nossa filha, cujo temperamento é bastante parecido com o de Vinícius."

SEGUE



Gilda (à esquerda) seria a última mulher de Vinícius. Nelita, em cima, ocupou grande espaço na vida do poeta. Até o último alento de vida Vinícius cantou o seu amor pelas mulheres. No soneto famoso, explicou que a fidelidade é eterna enquanto dura.



Dois das ex-mulheres de Vinícius: a baiana Gesse, em sua casa de Itapua (à esquerda), e Cristina Gurjão, mãe de uma de suas filhas.

ALÉM de distribuir amor, Vinícius distribuiu talento e alegria com seus numerosos parceiros e amigos da música, do teatro e da vida



Vinícius se apresenta em Paris com Toquinho e Maria Creuza. Sua fama atingia o mundo inteiro, graças à internacional Garota de Ipanema.



Uma reunião de amigos: Vinícius cercado por dois de seus maiores parceiros, Toquinho e Tom Jobim, além de Maria Creuza, Aloísio Oliveira, irmãs de Chico Buarque, enfim, o Poetinha sabia cultivar, além do respeito pela sua obra poética, o carinho de todos os que o conheceram.

Vinícius ao lado de Heloisa, a mulher que inspirou os versos de Garota de Ipanema. Além da canção, o assunto deu filme e virou folclore nacional.



Tom Jobim foi o primeiro grande parceiro de Vinícius. E ficou sendo o mais importante de todos.



“MEU primeiro encontro com Vinícius — diz a baiana Gesse — foi durante as filmagens de *Sol Sobre a Lama*, dirigido por Alex Vianny e cuja trilha sonora era de Píngüinha e dele. Foi um simples conhecimento, não um contato estreito. Em 1969, quando Vinícius colocou as mãos sobre o cimento da calçada da fama, em Ipanema, segui com Maria Bethânia e alguns outros amigos baianos para uma boate. Vinícius foi conversando com todos, de repente estávamos ele e eu sozinhos, fomos para uma boate onde Luizinho Eça tocava ao piano. Vinícius começou a cantar canções para mim. E assim tudo começou. No dia seguinte voltei para a Bahia e pouco tempo depois recebi um telegrama pedindo que eu viesse ao Rio. Arrumei as malas e vim a seu encontro, seguindo com ele para o Uruguai. Ele iria realizar uma temporada por lá. E lá nos casamos. Foi, aliás, o nosso primeiro casamento. O segundo aconteceu em 1973, no candomblé. Nos sete anos que durou nossa ligação, ele foi muito feliz. Vinícius me cercava de muitas atenções e carinho. Sei que muitas mulheres povoaram a sua vida durante o nosso casamento. Ele viajava, em temporadas pelo interior, eu telefonava para o quarto dele, uma mulher atendia, dizia que era a camareira, a arrumadeira, mas eu sabia que era outra amada. Não me aborrecia. Afinal, o seu amor era eterno enquanto durava. O nosso, enquanto durou, foi eterno. Recebia flores de todos os cantos do mundo, fui carregada no colo e tive todas as minhas vontades realizadas pelo homem maravilhoso que um dia me amou.”

Vinícius não fazia por menos. A um repórter confessou um dia: “O que eu gostaria mesmo é de reunir a mulherada toda, desde Tati, todas as minhas namoradas, mulheres, casos, flertes, encher a casa com elas, fazer aquele porão de Fellini em *Oito e Meio*, a promiscuidade total, o amor total.” Para um homem assim, para um poeta simples e consumado, a vida não podia estar dissociada de sua obra. Mais do que escrever poesia, ele viveu a própria poesia em sua vida, em sua paixão e em sua glória.

Depoimentos a Tarcís Batista e a Reynivaldo Brito

Das andanças eruditas. Vinícius entre duas cobras: Manuel Bandeira e Rodrigo de Melo Franco Andrade.



Em Cannes, na estréia de *Orfeu do Carnaval*, Vinícius aparece em foto de Justino Martins ao lado de Jean Manzon e Antônio Maria. O filme foi inspirado em peça de Vinícius.



Música popular brasileira reunida. Na foto, entre outros, Dircinha Batista, Paulinho da Viola, Luiz Bonfá, Francis Hime, Tom Jobim, João de Barro, Nelsinho Mota, Chico Buarque, Vinícius, Sidney Miller, Caciano Veloso, Dory Caymmi, Tuca, Zé Keti, Luizinho Eça e João Araújo.

O ORFEU TROPICAL

Por Affonso Romano de Sant'Anna

O que caracteriza a poesia de Vinícius de Moraes é a *dispersão*. *Dispersão* através da qual ele se instituiu como um mito romântico de nossa vida literária e boêmia. Homem disperso, ele se contrapôs a um tipo de escritor profissional que podemos visualizar em Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade.

Sim. Nesse sentido, Vinícius é o antiescritor, o antiintelectual. Contou-me que certa vez o poeta concretista Décio Pignatari entrou numa embaixada onde trabalhava e cobrou-lhe maior rigor formal na sua poesia. Pignatari enfatizava que o grande momento da poesia de Vinícius eram aqueles 15 versos do poema *Azul e Branco* onde simplesmente repete as palavras "azul e branco", descrevendo os azulejos do Ministério da Educação.

A isto Vinícius adicionava: mas eu estou interessado é na vida. Os intelectuais são muito chatos. Ficam cobrando, exigindo coisas da gente e do mundo.

Ao invés, portanto, daquele escritor apolíneo, racional, que constrói uma obra para o futuro, Vinícius se identifica com o espírito dionisíaco: interessava-lhe a festa da vida. A vida vista através da sensualidade do instante. Os escritores clássicos trocam a vida pelas letras. Aprendem a amar as emoções, a escamoteá-las através de um rigor formal e estético. Vinícius é o contrário disto. Por isto podemos considerá-lo como o último de nossos grandes poetas românticos. O poeta romântico é aquele que prefere a vida à escrita. O poeta clássico, racional, vive para escrever. O romântico vive, e quando a vida transborda demais em alegrias, alucinações e tristezas, então, escreve.

Não estranha que o poeta romântico desperte invejas. Não apenas dos outros machos que o vêem arrebatar as mulheres com sua música aliciadora, mas sobretudo dos intelectuais rigorosos que trocam o concreto instante de seu corpo e de seu tempo pela imaginária glória literária que um dia talvez venha.

Poeta da mundanidade

Como poeta da dispersão (disperso em relação às mulheres, disperso em relação à própria obra publicada aleatoriamente e espalhada em muitos textos inéditos que já se perderam e se perdem) a poesia de Vinícius se caracteriza pela mundanidade. *Mundanidade* que é o espaço onde o poeta refletiu espontaneamente seus sonhos e fantasias eróticas e sociais.

Nesse sentido, há o encontro de Vinícius com uma geração que instalou a mundanidade em termos modernos em nossas letras. Estou me referindo a uma geração que aflorou na crônica

EPITÁFIO

Aqui jaz o Sol
Que criou a aurora
E deu luz ao dia
E apascentou a tarde

O mágico pastor
De mãos luminosas
Que fecundou as rosas
E as despetalou

Aqui jaz o Sol
O andrógino meigo
E violento, que

Possuiu a forma
De todas as mulheres
E morreu no mar

Vinícius de Moraes

nacional em torno dos anos 50. Essa geração que nos deu Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Stanislaw Ponte Preta, Otto Lara Rezende e, posteriormente, José Carlos de Oliveira. Ou seja, de repente, a crônica surge dentro da moderna literatura brasileira como o instrumento mais eficaz de comunicação. A essa geração de cronistas pertenceu também, ideologicamente, Vinícius (*Para Viver um Grande Amor* e *Para uma Menina com uma Flor*).

Durante o enterro de Vinícius me dizia o cineasta Job Tom Azulay que essa geração de escritores significou no Brasil algo semelhante aos Beatles. Abriam horizontes, mostraram que o escritor é um homem de carne e osso. E espalhavam uma alegria erótica por onde passavam. Tinham um potencial social revolucionário que eles próprios desconheciam.

Para se entender a obra de Vinícius é, portanto, necessário entender que ela se propôs intencionalmente como *dispersão* e mundani-

dade. Mas, sobretudo, inseri-la em mais dois aspectos complementares: o lado *jornalístico* e *oralizante* de seus textos. Ou seja: enquanto a literatura literária (apolínea e racional) está interessada na *escrita*, a literatura romântica (dionisíaca e emocional) está interessada na *voz*, no registro do *instante* e do *cotidiano*.

E é curiosa a situação de Vinícius dentro dos diversos grupos literários brasileiros. Como se sabe, nunca se interessou pela Academia Brasileira de Letras. Como poeta, seu livro inicial *Caminho para a Distância* (1933) não tem nada a ver com o Modernismo de 1922. Começando a se tornar mais conhecido nas décadas de 40 e 50, nunca se misturou com a acadêmica *geração* 45. Os grupos de vanguarda a partir da década de 50 tentaram seduzi-lo, mas ele manteve-se alienado desses projetos. Por isto, pode-se dizer que Vinícius não pertenceu a geração nenhuma. Ele bem se poderia dizer a seu respeito: a minha geração sou eu, e o resto é literatura.

As duas faces de Orfeu

O ouvinte de música popular brasileira se espantaria se lesse a primeira parte da obra de Vinícius. Aliás, mesmo os leitores de sua poesia conhecem mais os seus sonetos e baladas. Poucos se detiveram na parte inicial, que é a mais estranha e rica para análise.

Com efeito, ele mesmo reconhecia em sua poesia uma parte transcendental e uma parte realista. Essa divisão pode ser percebida não apenas na sua *Antologia Poética* (onde ele explica isto), mas, de novo, na *Poesia Completa e Prosa* da Editora Aguilar/Nova Fronteira. A parte inicial vem sob o título: *O Sentimento do Sublime*. E é isto o que efetivamente interessa ao jovem poeta narcisista, católico e idealista. Ele está voltado para os problemas do Espírito e amargurando os remorsos da carne. Parece um poeta nórdico. Suas paisagens descrevem sombras, pinheiros, luas cinzentas e castradoras. A visão da mulher é muito pouco tropical. Há tragédia e o ato amoroso é violento, triste, cheio de angústia e ansiedade.

Veja-se o poema *A Mulher na Noite*. Ou qualquer outro texto dessa fase. Pode-se dizer que na primeira fase da poesia de Vinícius predomina um *regime noturno*. Há remorso e sentimento de pecado em relação ao amor carnal. As mulheres são frias, estão imóveis ou são castradoras. O poeta contempla o grande corpo da mulher com pânico e prantos. Ele está à procura de uma mulher ideal, da mulher única. Não é à toa o poema *Invocação à Mulher Única* e aquele *Ariana*, onde a busca, com resquícios de sua

formação católica, que tanto agradava a Octávio de Faria, seu amigo de juventude, que sobre ele escreveu longo ensaio em 1933.

Contudo a força do *corpo* e do *instante* foram mais determinantes do que o sentimento do *transcendental* e do *sublime*. Depois dos quatro livros publicados na década de 30 (*Caminho para a Distância*, *Forma e Exegese*, *Novos Poemas* e *Cinco Elegias*), na década de 40, a partir de *Poemas*, *Sonetos* e *Baladas*, o poeta operaria uma mudança radical em sua poesia. Afasta-se do *regime noturno* e instaura de vez um *regime diurno* nos seus textos. É isso que ele mesmo chama de "encontro com o cotidiano".

Como ele declarou em diversas entrevistas, esse cotidiano entrou na sua vida graças ao conhecimento mais direto da realidade brasileira, quando acompanhou o escritor americano Waldo Frank numa visita ao Nordeste do Brasil. E ele, que tinha uma formação idealista e que politicamente situava-se à direita, agora confessaria uma mudança radical "de sua visão política, tornando-se antifascista convicto".

E aí que surge uma mulher solar ("uma mulher ao sol, eis todo o meu desejo") em oposição à mulher lunar ("juntaram-se a Mulher, a Morte, a Lua para matar Orfeu"). É aí também que surgem as preocupações socializantes com poemas sobre a bomba atômica, Hiroxima, e o célebre *Operário em Construção*. Quando ele escreve sobre um tema como *O Dia da Criação*, não é mais o tom místico e solene que dominará. Mas o humor, a ironia, as anotações sobre o cotidiano. Deus, a natureza e a mulher são tratados com uma intimidade carioca, boêmia e humana.

Orfeu bossa nova

Não estranha, portanto, que Vinícius um dia aportasse à música popular. Música, aliás, que foi sua primeira paixão, antes mesmo da palavra poética, pois já estudante no Colégio Santo Inácio fez amizade com os irmãos Paulo e Haroldo Tapajós, compondo em 1928, com grande sucesso popular, o fox-trote *Loura ou Morena e Canção da Noite*.

Na década de 50, contudo, Vinícius provocaria um grande deslocamento na vida cultural brasileira. Parte de armas e bagagens para os terrenos da música popular. Sua vocação jornalística do cotidiano, a mundanidade de sua poesia e a dispersão de sua voz encontram o espaço adequado para sua plena realização. Em 1956 sua peça *Orfeu da Conceição* é musicada por Antônio Carlos Jobim. O poeta faz desabrochar em si o músico, enquanto em Jobim, ele mesmo filho de poeta, aflora o poeta que ocul-

tava. A passagem da literatura para a música se deu através da forma teatral, forma esta que Vinícius praticou ainda outra vez na peça *Cordélia* e o *Peregrino*.

A vocação oralizante de sua poesia ganha expressão completa com a música. De lá para cá, sabe a maioria, Vinícius fecundou toda uma geração de letristas. Este, aliás, o termo apropriado para configurar a atividade de letrista de Vinícius: fecundante. Não se trata de nomeá-lo o *melhor* letrista da bossa nova, como se fez repetidamente. Ele foi o que mais influenciou e aliciou talentos. O melhor letrista da bossa nova conforme se pode demonstrar, embora muitos não tenham percebido, é o próprio Antônio Carlos Jobim, uma figura estilisticamente mais drummoniana.

A contribuição imensa de Vinícius, no entanto, se ilustra não apenas no seu desembarque de homem culto na plataforma da música popular. Efetiva-se quando ele ajuda a confeccionar uma poesia e letra de música mais próximas da linguagem cotidiana carioca usando, por exemplo, os diminutivos ("jeitinho", "coisinha", "devagarinho", "mansinho"), forma linguística nossa que tanto encanta os estrangeiros.

Esse lado irônico, lúdico, que ele leva ao extremo no livro de poemas para crianças — *Poemas Infantis* (constituindo-se com Cecília Meireles nos renovadores da poesia moderna infantil), é uma das grandes forças de sua poesia. Na verdade, a passagem da primeira poesia (transcendental e escura) para a segunda poesia (cotidiana e solar) se mede exatamente pela descoberta de uma certa voz, de um certo jeito de falar brasileiro, coloquial, carioca.

Esse aprendizado da linguagem brasileira feito através dos modernistas, principalmente de Manuel Bandeira, que o influenciou, foi determinante na sua evolução. E bem verdade que ele nunca se libertou totalmente da linguagem literária em que foi formado. Basta ver a retórica romântica da *Serenata do Adeus*: "Ai, mulher estrela a refulgir/ parte, mas antes de partir/ rasga o meu coração./ Crava as garras no peito em dor/ e esvai em sangue todo o amor/ toda a desilusão."

Mas sua poesia relata a luta de um escritor-cantor por se aproximar da realidade. Realidade que ele muitas vezes (imaginariamente) conseguiu através da dispersão. Dispersão, aliás, que está na raiz dos mitos de Orfeu e de Dionísio, ambos fragmentados e suplicados no culto da própria carne e da poesia. Tal esses mitos, tal a vida e a poesia de Vinícius: um Orfeu tropical exaurindo sua vida entre amores e canções, procurando a imagem de si mesmo e de Euridice entre a Lua e o Sol.

Crédito no amor

EM 1947 fui a Los Angeles ver o que havia com o cinema. Tinha ali um amigo, o ator Akim Tamiroff. O cônsul do Brasil era Afonso Portugal, e Vinícius de Moraes era o nosso vice-cônsul. O representante de *O Cruzeiro* era o Alex Vianny, que até hoje só se dedica ao cinema, e, em especial, a Carmem Miranda. Fui com Lucy almoçar na casa de Vinícius e lá encontrei sua mulher Tati e seus filhos Pedrinho e Suzana. Combinamos lançar uma revista sobre cinema, cujo nome seria *Filme*. A primeira capa foi Charles Chaplin. Mas ficou muito difícil imprimir a revista em Frei Caneca e fazer a revisão das provas em Los Angeles. A revista fechou no segundo número. Eu gostava de Vinícius. Era homem bom, cordial e amigo. Uma noite, ele levou-nos à casa do Russo do Pandeiro, que havia comprado a mansão de Rodolfo Valentino, em Beverly Hills. Lá encontramos diplomatas, artistas, tudo gente fina, inclusive o ator Anthony Quinn. Havia muita comida e bebida, uma autêntica boca-livre. Russo do Pandeiro estava casado com uma mulher que falava espanhol. Eu olhava para ela e me dizia: "Nunca vi um rosto tão conhecido!" Falei com ela: "Conheço tanto a senhora mas não sei de onde!" Nesse instante, ouvi alguém chamá-la de Lili. Logo a reconheci: era a Lili da Glória, que tinha um *rendez-vous* na Ladeira da Glória, 18. Ali, eu era um beneficiado: tinha crédito no amor. Isso é sério. No dia seguinte, conversando com Vinícius, ele me disse: "Adolpho, você é um homem feliz. Ter crédito no amor é a coisa mais importante da vida."

Adolpho Bloch

VINICIUS DE MORAES SUPLEMENTO DEL DIARIO = EL PAIS = 03-08-80

Por JORGE TRAVERSO

DEL LADO DE AÇA DEL MITO

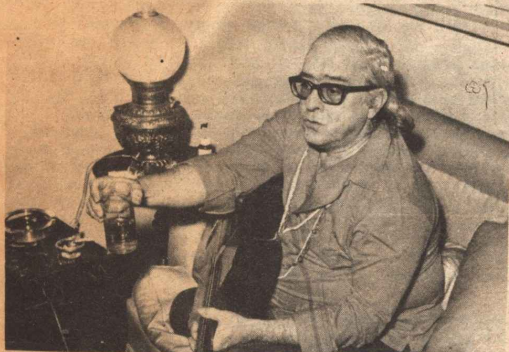
Ni el periodista ni Vinicius de Moraes sabían, poco tiempo atrás, que la charla que sostenían podía convertirse tal vez en la última que el poeta y músico brasileño concediera en Montevideo. Fue cuando su actuación en el Hotel Oceanía, una tarde de sol después de la lluvia y con el mar solitario a la distancia. Allí Vinicius hablaría con fluidez pero con esas pausas características en él y en todo actor que quiere poner énfasis en lo que dice. Fumó bastante, observó los preparativos de los músicos para la noche, río con ganas cuando algo gracioso ocurría a su alrededor. Estaba feliz y luego lo diría en la entrevista. Y movía la cabeza al son de la música como el boxeador que hace ejercicios de calentamiento antes del combate. Unos meses más tarde esa conversación adquiriría el valor de las cosas que son irrepetibles. Porque allí Vinicius hablaría de su cansancio, de su poesía, de su música, del Brasil, del tango, de Montevideo, de su infancia, de sus deseos de descansar un poco. Era el entrevistado ideal: ese tipo de personaje que sabe cuáles son las cosas que hay que contar y cómo contarlas. De esa manera, el diálogo permitió al periodista a ubicarse del lado de acá del mito; esa imagen fervorosamente cultivada que hablaba de un individuo multifacético y complejo. He aquí este documento póstumo.

—¿CUANTOS años hace que está dedicado a la poesía y a la música?
V. DE MORAES: ¡Uff! Yo creo que desde que era niño. Hay gente en mi familia que ha hecho un cuento famoso: dicen que yo cantaba antes de aprender a hablar.
—Y en todos estos años que ha estado ejerciendo la poesía y la música, ¿Vinicius de Moraes ha permanecido siendo el mismo?
—Yo creo que cambió bastante. Yo creo que no hay ningún ser humano que permanezca siendo el mismo, siem-



¿CUAL ES EL PUBLICO QUE LO BUSCA: "Felizmente creo que son los estudiantes en su mayoría. Yo no me puedo quejar. Tengo un público hecho en casi todos los sectores sociales", decía Vinicius de Moraes.

pre y cuando se atreva a vivir intensamente. Yo tuve una formación que esperaba que yo fuera totalmente distinto a lo que soy hoy. Yo debí sacarme muchas cosas que me enseñaron cuando era niño para ser lo que soy hoy humanamente. No por maldad sino por circunstancias del medio, de la educación, de colegios, es evidente que a mí se me preparó para ser una persona totalmente diferente a la que soy ahora. Esa persona que fue transformada por la vida. Y no estoy arrepentido que ello sucediera. Mirando con perspectiva y a la distancia a mí me parece que me enseñaron muchas cosas inútiles, muchas cosas erradas. Cosas tonas le diría yo. Cuando yo era un niño se pretendió llenarme la cabeza de prejuicios y de pavadas que con el tiempo empecé a eliminar. A medida que la existencia fue enseñándome las cosas yo fui descartando todo aquello que me parecía que bloqueaba mis sentimientos y mi forma de ser. Los años me enseñaron que la tentativa de una vida más simple y menos determinada por preconceptos me era más sano y más sincero; yo fui aprendiendo que así uno conseguía una verdadera comunicación con los semejantes. Ese ha sido el guiño que he tenido desde que llegué a la madurez. Es una cuestión de principios, de opciones; uno es tal cual quiere ser o termina incorporando a sí mismo



LA MUSICA DE BRASIL: "Lo principal de nuestra música es el aporte negro... Yo recuerdo que cuando Banden Powell tocó para la reina de Inglaterra, todos la vieron batir los pies".

la imagen de alguien que no quiere ser. Y si esto ocurre uno se va a estimar mucho menos a sí mismo. Parece un asunto muy filosófico pero en realidad no lo es. De cualquier forma la manera de ser de cada uno parte de una filosofía personal por más ingenua e insignificante que la misma pueda parecer.

Las cosas de la vida

—**¿CUALQUIERA** que transite por sus libros y por sus canciones puede tener una definición de Vinicius de Moraes. ¿Pero cuál es la definición que de esas cosas hace su propio autor?

—Mi primera etapa de creación estuvo muy influenciada por eso que yo llamo como los errores de mi formación. Eran temas metafísicos, con fondo religioso y que servían para mecanizar una poesía aristocrática. Por ese entonces me atrevería a decir que Vinicius de Moraes era un escritor netamente apegado a los poetas franceses, especialmente los simbolistas. Esto cambió cuando yo cumplí veinticuatro años o veinticinco años. Porque conmigo pasó una cosa curiosa: yo, con mi segundo libro de poemas, conseguí nada menos que el Premio Nacional de Literatura en Brasil. Una recompensa importante y que llegó muy temprano, cuando yo era muy joven. Tenía poco más de veinte años. Y ese premio se me subió a la cabeza y hoy afirmo que esas cosas produjeron en mí una borrachera muy especial. La borrachera de la sobreestimación. No le digo que ese premio no tuviera valor; lo tenía y lo sigue teniendo. Pero ocurre que todavía la vida no me había enseñado todas las cosas que fueron fundamentales para mi trabajo de poeta. Eso llegó después.

—**¿Cuáles** fueron esas cosas fundamentales?

—La más importante de todas fue, sin duda, la llegada del amor. Esa fue la máxima conquista. No solamente el amor hacia la mujer, eso tan lindo y renovador, sino también el amor a la danza, el amor a la naturaleza, el amor al amigo.

—**¿Cómo** sale de usted la música y la poesía? ¿Qué mecanismos deben funcionar para que un ser humano se convierta en un músico y en un poeta?

—Hay momentos especialísimos en la vida de cada uno. Allí es donde aparece el músico y el poeta. Instantes como el que estoy pasando ahora; es un momento en el que me siento muy feliz. La felicidad es la que me conduce a la poesía. Son trances en los que me paso pensando en intensas sensaciones: comidas buenas, bebidas buenas, una bella mujer, el mar, el sol. Pero a pesar de ello, aún en el desánimo, a mí me gustan más las cosas que nacen de mí cuando estoy triste. Yo creo que la tristeza es algo más rotundo que la alegría. Por lo menos para mí. A veces leo algunos de mis poemas o algunas de mis canciones; simplemente por lo que hay en ellas yo, hoy sé qué pasaba conmigo cuando hice esas cosas.

El desgaste del creador

—**¿QUE** es eso de estar un día en un aeropuerto y otro día en otro?

—Yo lamento que mi mujer no esté ahora conmigo para que ella le contara. Ella tiene una imagen muy precisa sobre lo que usted me pregunta. Nos llegó a pasar, aunque cueste creer, que no sabíamos en qué ciudad estábamos cuando despertábamos por la mañana. Uno estaba en Roma y creíamos que estábamos en París. Esto nos pasó realmente; en esa etapa de la mañana en la que se conserva el ensueño no sabíamos en qué idioma debíamos hablar a la gente del hotel. Eran viajes ininterrumpidos y uno no puede permanecer en sus cabales en esas condiciones.

—**¿Eso** no desgasta al creador?

—Claro. Es algo que se puede hacer en un período corto. Lo que yo quiero hacer hoy es espaciar más mis actuaciones. Tener más tiempo para mí mismo. Especialmente para tomar contacto con la ciudad en la que estoy. Hubo un fin de semana en el que el viernes estuvimos en Londres, el sábado en París y el domingo en Milán. No era vida. Lo que más me reprocho es haber pasado por Florencia, una ciudad que yo adoro y que me encanta recorrer caminando sin haber visto el rostro de la gente en la calle. En esas condiciones uno está permanentemente cansado, no puede hablar mucho para cuidar la garganta, come a la hora que los demás están tomando el té. Y se tiene la necesidad permanente de dormir. De dormir mucho.

—**¿Hay** otra vez expectativa internacional por lo que hacen los músicos brasileños hoy?

—Yo creo que la atracción de la música brasileña en otros países no se debe a lo que se ha hecho recientemente. Creo que esa atracción surge como resultado de todo un trabajo que fue hecho en el pasado. Por ejemplo: he visto que en Italia y en Francia la música del Brasil gusta mucho. Los discos brasileños se venden con mucha fuerza. Hay nombres como Chico Buarque y Milton Nascimento que impactan a los europeos. También hay una buena acogida para un puñado de músicos más, entre ellos yo. Uno va a una casa de discos y está lleno de temas brasileños.

—**¿Por** qué le parece que gusta tanto la música de su país?

—Es un fenómeno raro ¿no? sobre todo porque esa popularidad se da en públicos tan diferentes y tan diferentes a nosotros. Los músicos del Brasil nos hemos preguntado muchas veces sobre esto. Y las respuestas que tenemos son subjetivas nada más que eso. No tenemos respuestas concretas. Yo creo que ese encanto de la música brasileña se hace en el mundo y de la aparición de varios talentos musicales en mi país que son verdaderamente de exportación. Yo me animaría a decirle que la música europea está en una etapa terriblemente decadente. Así es más fácil que la calidad de nuestra música resalte.

—**¿Pero** hay un algo especial en la música de Brasil más allá del talento. Es algo más que está un pedacito arriba de la creación pura y que parece venir del pasado. Es algo que no se adquiere. ¿Qué se trae cuando uno nace.

—Lo principal de nuestra música es el aporte negro. Es el ritmo muy rico y muy fascinante. Algo que obliga a bailar. Y de esto no escapa nadie. Yo recuerdo que cuando Baden Powell tocó para la Reina de Inglaterra, todos la vieron cómo ella batía sus pies al son de la música. Le hablo de la Reina de Inglaterra que es lo más estático que uno pueda conocer por su posición, por su origen, por su actitud protocolar.

Tres pueblos tristes

—**¿USTED** conoce mucho mundo. ¿Cómo definiría al brasileño? ¿Es un ser con alegría de vivir?

—Yo no creo que la alegría sea una cosa precisamente brasileña. O que pueda identificar al Brasil. Nosotros, por el contrario, somos la mezcla de tres pueblos que son profundamente tristes. El portugués, el indio y el negro están corriendo por nuestras venas y ninguna de estas razas puede ser definida como alegre. Por el contrario, sus costumbres y sus culturas tienden al lamento. Lo que pasa es que ciertos brasileños, el carloca especialmente, es un pueblo muy macaneador. Lleva todas las cosas un poco en broma. Eso seguramente está explicado por las crisis que suelen golpearlo. Es un pueblo que no ha perdido su buen humor apesar de sus propios dramas. Eso da una impresión de irresponsabilidad. Esa irresponsabilidad que los europeos y los norteamericanos suelen atribuir a los hechos latinoamericanos. Pero detrás de eso hay verdades más hondas y conflictos que están protegidos por una capa de aparente alegría.

—**¿Cuáles** son las grandes intérpretes del Brasil hoy? ¿Por qué hay tantas mujeres en el primer plano de la música de su tierra?

—Es cierto eso. Pero a mí me parece que las mejores, las que realmente sobresalen, son dos: Elis Regina y Gal Costa. Son las más populares. También está Maria Bethania, Nara Leao, Maria Medalha, que son muy buenas. Pero esas dos primeras son las que realmente están en la cumbre. Pero no ha dicho por qué tantas mujeres están al frente de una corriente musical brasileña.

—Quizás porque no hay muchos hombres que canten bien. El hecho de que los compositores canten, como Jobim y Chico Buarque que lo hacen mejor que los cantantes profesionales, creó una especie de resistencia de aquellos que sólo quieren cantar. Hay muchos artículos escritos sobre eso. Ellos dicen que los compositores quieren sacarle su lugar, que le están robando la plata. Pero eso no es verdad. Es que los compositores han alcanzado una manera de comunicarse con los demás que esos cantantes no han sabido descubrir. Me parece que por ahí puede estar la cosa.

—**¿Qué** opina de usted mismo como cantante?



EL AMOR: "Uno debe enamorarse de todas las cosas que fueron dadas al hombre".

—Yo no soy un cantante. A mí me parece que a la gente le gusta más bien mi modo de decir las cosas; una forma de establecer comunicación que está bañada con los tonos del alcohol y el cigarrillo.

—¿Le gusta el tango?

—Muchísimo. Muchísimo.

—¿Qué es el tango para un brasileño como usted?

—Para mí el tango tiene que ver con mi infancia. Yo aprendí prácticamente el español escuchando tango. Mi madre me compraba todos los tangos tradicionales: Caminito, Fumando espero. Era una mujer que pertenecía a una generación de tangueros. Y Gardel, claro. Yo me acuerdo siempre de mi infancia y me veo escuchando tangos todo el tiempo. Yo nunca estudié español. Lo aprendí del tango. El tango también me ayudó mucho a hablar el idioma español.

—¿Un instante en que usted percibe que la gente ha caído seducida por lo que hace?

—Ese es un misterio total. Yo creo que no hay respuestas para eso. Uno siente cuando se ha puesto al público en el bolsillo. A veces es simplemente una frase, un dicho, una transición en la que uno se entrega con más gusto y tesón.

—Y cuando el público no responde, ¿cuál es la tecla que usted toca para hacerlo reaccionar?

—Depende. Esas son cosas que se aprenden. En mi caso siempre ha dependido además de quién era la persona que estuviera conmigo. Si era Jobín seguramente que la música que no fallaba era "La chica de Ipanema" o "Felicidade". Con Baden Powell puede ser "El canto de Osanha" o "Berimbau". Con Carlos Lyra será "La marcha del miércoles de ceniza". Son músicas que han sido experimentadas tantas veces que uno ya ve al público distraído y sabe cómo conmovirlo.

—¿Cómo sintetizaría una vida tan agitada como la suya?

—Yo no sé si ha sido agitada. Es que para mí el trabajo artístico es fundamental. A sí no me gustaría detenerme nunca. Pero sé que voy a tener que parar. La vejez es un hecho biológico. Y uno tiene que enfrentarla. Pero yo espero que aún en el retiro pueda seguir haciendo música y poemas.

—¿Cuáles son sus frustraciones?

—Una es no haber estudiado medicina. Estudié abogacía y luego me desinteresé. Las ciencias médicas me interesaron mucho pero tardamente. Ya no había tiempo para dedicarme a ellas. Todo lo que sea para curar el cuerpo o la "cuca" me interesa. Leo mucho sobre medicina.

—Le agradezco mucho Vinicius de Moraes.

—¿Por qué? ¿Por esta charla? A mí me hace bien hablar de todo esto. Y me hace bien venir a Montevideo. Ayer le estaba diciendo a un amigo mío, con el que fui a comer una feijoada, que tuve puestos buenos como diplomático. Estuve cinco años en Los Angeles, siete en París y dos en Montevideo. Y yo no cambiaría los dos años de Montevideo por ninguno de los otros si me los ofrecieran ahora. Ustedes son gente adorable, realmente. Tienen un no sé qué. Y no me pasa sólo a mí. Nos pasa a todos los brasileños. Sentimos una especie de admiración por la forma de ser de ustedes. Por su pureza, por su autenticidad, por esa calidez tan especial. Por eso vuelvo siempre a Montevideo. +

NP e os artistas - NP e os artistas - NP e os artistas

Confira

Esta é a chacrete Fátima Boa Viagem, que leva o público masculino ao delírio todas as vezes em que pinta no vídeo da Bandeirantes, às terças e sextas, às 21 horas.



Astros da Globo enfrentam os da Bandeirantes em SP

Será realizado hoje, no Estádio do Pacaembu, um encontro diferente de futebol. Os astros da TV Globo, do Rio, estarão enfrentando os da TV Bandeirantes de São Paulo. Além da partida, os atores e atrizes darão autógrafos ao público presente e, nos intervalos do jogo, serão apresentados shows de conjuntos musicais como "A

Patotinha", "Gengis Khan", "Os Super Heróis" e da cantora Gretchen. Para finalizar, haverá um desfile com os personagens de Disney: Mickey, Minnie, Pateta e Pato Donald. A partida está marcada para as nove da manhã e os ingressos estão à venda nas bilheterias do estádio. Ingressos a preço de trinta cruzeiros.



Paulinho Boca em "Bom de Chinfra, Bom de Amor"

De 6 a 10 de agosto, sempre às 21 horas, Paulinho Boca de Cantor estará realizando o show "Bom de Chinfra, Bom de Amor" na Sala Guiomar Novaes, da Funarte. Mais um integrante do conjunto Novos Baianos que parte para um trabalho individual, Paulinho faz questão de acentuar nesse espetáculo a figura do malandro sambista e do cantor do mato. Do repertório constarão várias músicas de sua autoria como "Que Bom Prato é Vatapá" (em parceria com Gilberto Gil e Galvão) e "Nossa Trajetória" (com Moraes e Galvão), que faziam parte de seu último LP, lançado pela CBS.



Marlene do "Planeta" dá show de fofocas

Marlene Silva, uma das estrelas do programa "Planeta dos Homens", deverá mesmo estreiar seu primeiro show de bolso na segunda quinzena de agosto, em São Paulo, com direção de Agildo Ribeiro. O show vai contar com muito bom humor, toda a trajetória da vida profissional de Marlene, detalhes dos bastidores da Globo e até fofocas dos artistas com os quais trabalhou até hoje. Também no show, pela primeira vez, ela vai cantar algumas músicas românticas de Dolores Duran, Tom Jobim, Vinícius de Moraes e outros. O espetáculo ainda não tem data para estreiar.

Maria Bethânia faz homenagem a S. Paulo

Maria Bethânia estará apresentando em São Paulo, a partir do próximo dia 8, o seu show "Mel" no Palácio das Convenções do Anhembi, depois de dois meses de sucesso no Rio de Janeiro.

Com direção de Wally Salomão, tendo na regência de uma

grande orquestra, Perinho de Albuquerque, esse espetáculo em sua versão paulista terá músicas que não constam da primeira montagem carioca. Isto porque Maria Bethânia resolveu fazer uma homenagem a São Paulo, interpretando "Sampa", "Ronda" e "Cavalgada".



MUSICA POPULAR

Férias que dão saudade

ANTIGAMENTE, quando era moda nos reunirmos no velho Lamas, me deprimia muito ver chegar já na noite alta aquele coleguinha magro, curvado, pálido e de cabelo escovado: era o responsável pelo obituário de um dos principais jornais cariocas e difícil separar a sua imagem da sua função — parecia talhado para a missão de papa-defunto, uma pessoa cuja preocupação profissional era saber quem morreu.

Se faço esta preâmbulo é pra dizer: “benditas férias, estas que acabam agora”. Não gosto desta tendência da crítica musical de se especializar em necrológicos. Está morrendo gente demais e é triste, embora fácil, sentar e escrever com emoção sobre algum amigo ou artista que se foi. Benditas férias, repito, estas que me esquivam de ter que escrever, pelo menos separadamente, sobre Vinícius de Moraes, Sidney Miller, Neide da Manguieira e, como agora me diz o Tárk de Souza, K-Ximbinho, este um artista tão humilde, tão discreto, a preferir uma morte modesta e incógnita, que não deu trabalho a ninguém (e isso foi grande injustiça).

De Vinícius, tudo se falou e seria redundante escrever mais que as citações da última sexta-feira, depois do que disseram, principalmente, José Carlos Oliveira, Otto Lara Resende e Drummond, ainda mais nestes tempos de jornalismo eletrônico em que, de repente, vem a Globo e coloca no ar — tanto no Jornal Nacional como naquele Especial — um banho de Vinícius, dos pés à cabeça.

Sobre Neide, também, o que vi/li de melhor foi a televisão que me trouxe. A grande porta-bandeira da Manguieira dizendo no vídeo, em antiga entrevista, que os segredos da arte de empunhar a bandeira de uma escola são tão esotéricos que uma mulher só tem o direito de revelá-los à sua filha. Não sei se chegou a transmiti-los todos à sua herdeira adolescente, mesmo porque nem ela, que no último Carnaval já desfilou com o câncer no útero, poderia adivinhar que nos deixaria tão cedo. Para a Manguieira, menos mal, que há Mocinha, de vitalidade e energia insuperáveis pronta a portar o estandarte. Para o samba, como um todo, no entanto, foi um golpe, ainda que para Neide tenha impedido que soubesse da decisão da Riotur, ratificando a ausência do quesito mestre-sala/porta-bandeira no regulamento do Carnaval de 1981 (como compensação, a Comissão de Frente, atendendo ao clamor geral, volta a ser computada).

Vocação irresistível para o anonimato, para os bastidores da música popular, Sidney Miller conseguiu gravar três elepes mas teria ficado escondido atrás deles, se de lá não fosse retirado pela força de suas próprias músicas, gravadas pelos amigos e os intérpretes de bom gosto. Aos 35 anos, ele se foi deixando na estrada uma sensação de que o violão ainda tinha o que dizer. É certo que seu trabalho na Sala Corpo/Som do MAM foi importante que na Funarte também se destacou, que musicou



importantes peças de teatro (Arena Conta Tiradentes, A Torre em Concurso e Por Mares Nunca Dantes Navegados), que organizou shows antológicos (com Paulo Affonso Grisolli, Carnávia e Yes, Nós Temos Braguinha, um com Marlene e outro com João de Barro), participou do espetáculo *Alice no País do Divino Maravilhoso*, assinou a trilha sonora de filmes como *Os Senhores da Terra* (de Paulo Thiago) e *Ovelha Negra* (Haroldo Marinho Barbosa) e, quando morreu, preparava-se para tomar parte em novo projeto cinematográfico, um filme sobre Antônio Carlos Jobim que se encontra entre os roteiros selecionados na nova safra da Embrafilme.

De repente, acabou. A versão oficial fala numa inesperada parada cardíaca, enquanto os necrológicos chegaram a mencionar o rotineiro “enfarte do miocárdio”. Para os seus amigos, Sidney Miller suicidou-se e alguns referem-se até a algumas cartas que teria deixado antes de tomar a decisão fatal. Sua família, neste caso, teria preferido abafar a questão, transformando em “natural” uma morte que é precoce demais para ser aceita como obra pura da natureza. É fato, porém, que Sidney sempre foi uma personalidade depressiva, angustiada. Não era, como lembrou o Walter Lima Jr. no velório, uma alma de vencedor, “uma pessoa vitoriosa”. Carregava um fardo pesado e que, na sua sensibilidade de poeta, pesava mais ainda. O que quer dizer que dá no mesmo: ou seu coração não agüentou e parou ou seu coração não agüentou e ele o parou.

K-Ximbinho tinha 63 anos e nem sei de que morreu. Ao lado de Abel Ferreira, estava entre os maiores clarinetistas deste país e quem puder se lembrar do que escrevi quando Abel morreu verá que citei ali o K-Ximbinho. O que isto implica é que, em 1980, ficamos sem clarinete. Sem Abel e sem K-Ximbinho é sem clarinete: isso aumenta a responsabilidade do Guima e do menino do Quinteto Villa-Lobos. Não tem muita gente neste caminho, não.

Sebastião Barros, este o nome do instrumentista, era de Taipu, no Rio Grande do Norte, e desde criança estudou clarinete e solfejo, tocando em bandas de Natal e formações jazzísticas no interior até ingressar na Orquestra Tabajara, de Severino Araújo, em 1938. A partir daí, sua vida começa a mudar. K-Ximbinho veio para o Rio e, pouco tempo após, participando na orquestra do maestro Fon-Fon. Começou a gravar, logo acompanhando os principais cantores da época, incluindo Francisco Alves. Autor de choros de grande beleza, como *Sonoroso*, *Sonhando*, *Sempre* e o recente vencedor do Festival Carinhoso da Rede Bandeirantes, K-Ximbinho tinha um estilo doce, fluido e fluente. Na sua mão, o Clarinete não tinha a contundência de Severino nem a vivacidade de Abel.

Roberto Moura

LITERATURA INFANTIL

Ana Maria Caldeira e Sousa



Encontrando a poesia nas coisas simples, no dia-a-dia, Vinicius de Moraes foi um poeta que bastante se aproximou de seu povo, tendo atingido, por sua extrema sensibilidade, a um público diversificado. Até a criança encontra seu lugar na obra de Vinicius, que lhe dedicou o livro **A Arca de Noé**, poemas infantis, lançado em 1970 e que acaba de ser reeditado, em 5ª edição, pela José Olympio.

A **Arca de Noé**, título também do primeiro poema da antologia, é composta por vinte poemas cujos temas variam entre elementos da natureza (animais e plantas), da tradição e do cotidiano.

Buscando na oralidade um ponto básico para o desenvolvimento de seus textos, Vinicius de Moraes transforma o comum no poético, mostrando que a poesia também reside nas coisas simples e pode se realizar na linguagem do dia-a-dia, como tem sido proposto pelos poetas modernos. "Gira, gira, girassol/ Redondinho como o céu/ Marelinho como o sol".

A porta, a casa, o relógio ganham uma

nova dimensão ao passarem de objetos a poema. O mesmo se dá com a "Arca de Noé" que encerra, de alguma forma, o espírito da antologia: "É doce ouvir na calada/ A fala mansa dos bichos/ Na terra repovoada". A fala mansa, o lirismo sensato são a tônica desta obra. O poeta encontra a linguagem que participa e expressa a fantasia infantil. Seus símbolos e referências se fazem a nível de seu pequeno mundo, sem pieguismo, sem exageros falsos.

O elemento surpresa é um dos responsáveis pelo ar de graça e leveza que se desprende a cada texto, rompendo com o conceito da logicidade esperada. Esta atitude revela a coerência ingênua do mundo infantil, tão bem expressa, por exemplo, no poema do elefantinho que corre assustado por ter encontrado um passarinho.

A ilustração delicada de Marie Louise Nery acompanha o despojamento dos textos de **A Arca de Noé**, que, como no poema de São Francisco, vai contando histórias pelo caminho.



NELSON MOTTA

A moral viniciiana: Sartrando de banda

Vinicius, o poeta, não foi só sua poesia. Foi sua vida, foram suas vidas, Vinicius de Moraes, plural de início de moral. Ser abençoado pela santidade poética implicou para Vinicius um compromisso com a vida em igual medida. E por ela se conduziu, publicamente, dentro de uma atitude moral, sólida. Própria, profundamente original — e a favor da natureza divina do homem — a moral viniciiana é parte fundamental e integrante de sua poesia. Os “moralistas” de todas as hipocrisias, de todas as latitudes, equivocam-se ledamente ao dimensionar o (alto, profundo) senso moral de Vinicius pelos seus muitos casamentos, baixando o nível da discussão sobre tão rico artista, tão raro homem.

Vinicius foi muito fiel a quase todas as suas esposas. Enquanto durou o amor, enquanto a chama do desejo ardeu. Logo seu coração já batia mais apressado de novo, por outros olhos, outras pernas, novos riscos para a emoção do poeta. Os seus casamentos se desfizeram quando se desfizeram seus amores. Não precisam vociferar

as companheiras militantes: a aceitação de que o amor fosse infinito enquanto durasse sempre implicou liberdade ampla e irrestrita para abandonar ou ser abandonada por ele — um ser repleto de justiça e equidade. Mas, como resistir-lhe? Abandonar Vinicius era oferecê-lo a um carinho, uma admiração, ou uma alheia tensão mais forte. E ele casou muitas vezes, com algumas ficou casado muito tempo. Amou muito, sofreu demais — destino de quem ama, segundo o próprio. O que não quer dizer que não tenha provocado muito sofrer, quase sempre sem o querer — porque guerreiro ele não era: sua carne era fraca, diante da fortaleza de seu espírito, de seu destino de trazer mais luz aos que a precisam.

Feminista, sim. Muito e sempre a favor da mulher. Do espírito da mulher tanto quanto as carnes: umas mais bem dotadas de um, outras das outras — umas raras bilingües. Amou-as com amor e humor, com destemor pela aventura, por amor ao amor e à Mulher — a mãe de todos, metade de Deus.

Pensando nos claros princípios morais que nortearam a vida de milagres e pecados do poeta, pensa-se que ele morreu pouco depois de Sartre, de quem tanto se aproxima, tropicalmente é claro. Vinicius, o transcendente, o metafísico, cantou exata e extremamente a existência. E exerceu-a plenamente, nela injetando e dela recolhendo a seiva para sua consciência das dores e valores da vida na Terra. Testemunhou, ensinou, indignou-se com a injustiça e com a hipocrisia, contra todas as servidões.

Por temperamento, Vinicius teve o amor pelos temperos. Da vida e da comida. Alimentava-se com sensualidade: expressava racionalmente seus sentimentos — para que pudessem ser entendidos tanto quanto foram sentidos. O seu pique dionisiaco de vida levou-o muitas vezes a gulas e culpas, que ninguém é de ferro. Não culpas por afrontar as “moralis” dos muitos tempos que percorreu, atuando: fraquezas de espírito contra as quais lutou ao limite de suas forças, em agonia. E deixava livres para fraquezas a dita fraca e passageira carne, deixando-a existir.

Ele mesmo um incansável trabalhador, batalhador permanente, produtor inesgotável de sabedoria, emoção e cultura, o poeta esteve sempre com seu melhor a favor dos pobres e oprimidos — em todos os sentidos. O que sempre o levou a ignorar os pobres de espírito, dos quais (deve haver um equívoco na tradução) não pode ser o reino dos Céus. Espíritos indigentes para ele foram quase sempre um enfado que, no entanto, ele cumpria com delicadeza — uma mesma e fundamental delicadeza que tinha para com todo ser humano que passava

por seu já povoado caminho. O poeta era prodígio em carinhos.

Soa estranho ouvir que Vinicius era “amoral” de algumas bocas e penas ilustres — fãs de sua obra e pessoa — quase como uma justificativa para a multiplicidade afetiva e sinceridade objetiva do poeta. Em nenhum momento Vinicius formulou uma ideia no sentido de fugir das efetivas responsabilidades do homem para com a verdade (de sentimentos, ações) e a justiça — que buscou de forma permanente, arriscada, coerente. Vinicius foi — dentro de sua postura existencialista — um ser dotado de profundo senso moral. E imaginação, porém, que o levou mais além dos estabelecido, do já falido, a criar — vivendo e escrevendo — uma profunda relação entre o homem e o que o transcende. Seria “amoral” um indivíduo que fez de sua vida e seu espírito essa busca criativa?

Vinicius não se conformou em escrever só um livro, em plantar só uma árvore, a ter só uma mulher ou filho. Afinal, trata-se de um poeta profissional, não de um consumidor de bugangas. E saibam quantos esta lesem que, por amor à verdade e ao sentimento, sofreu demais — com a intensidade e grandeza que gozou, e esse preço — o poeta Vinicius. Não sofreu por arremedo, na base do chororo frouxo: sofreu de verdade, na carne, por medo, abandono, desespero, sofreu demais o poeta do amor vitorioso. Isso quase nunca se diz dele, preferindo-se apenas — como se uma pudesse existir sem outra — a sua face luminosa de homem de seu tempo, no mundo dos prazeres da carne e do espírito. Só ele sabe — e algum dia um poeta que ainda vai nascer cantará — dos tormentos que o sangraram tão longo de tanto riso e tanta poesia.

IPANEMA

VINÍCIUS

Porque aquele hoje
era sábado



● Partindo não da promessa, mas da promessa de que tudo é eterno enquanto dure, que beleza é fundamental, que mais do que nunca é preciso cantar e que, principalmente, Yollesman Crisbeles, Ipanema viu a banda passar, pela segunda vez, em 16 anos, fora da tradicional data de dois sábados antes do carnaval (a primeira foi quando o Brasil ganhou a Copa de 70 e o homenageado era João Saldanha, nosso irmão de alegrias, copos, papos e incensatezes, que tinha criado as tais 11 *feras* que acabaram por deixar a Jules Rimet pra mais ninguém).

Pois desta vez foi para tornar popular um decreto do prefeito Julio Coutinho transformando a Rua ex-Montenegro em Vinicius de Moraes, olha que coisa mais linda! Tem gente que não gostou, não está gostando e jamais vai gostar da transa. Mas pela multidão que nos

esperou passar, que dançou músicas do poetinha em ritmo de marcha-rancho atrás da gente, que chorou cantando as letrinhas delezinho, que teve certeza de que Ipanema ainda tem coração, eleição houvesse e nós ganhávamos de 'goleada. Na verdade, os interessados que se retirem, como diria vovó, no estribo do bonde 13. Porque Ipanema é dos poetas.

(Renato Sérgio)



Antes do prefeito oficializar a mudança (esquerda) um *show* ao ar livre na Praça General Osório, capital de Ipanema, com Toquinho, Maria Creuza e Francis Hime (alto). A rua e o poeta eram do povo.